

**BULLYING ESCOLAR SOB A PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA: IMPACTOS NAS
RELAÇÕES INTERPESSOAIS E NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM**

**SCHOOL BULLYING FROM A SOCIOLOGICAL PERSPECTIVE: IMPACTS ON
INTERPERSONAL RELATIONSHIPS AND THE TEACHING-LEARNING PROCESS**

**EL ACOSO ESCOLAR DESDE UNA PERSPECTIVA SOCIOLÓGICA: REPERCUSIONES
EN LAS RELACIONES INTERPERSONALES Y EN EL PROCESO DE ENSEÑANZA-
APRENDIZAJE**



10.56238/IXSevenInternationalMultidisciplinaryCongress-011

Francisco Edson do Nascimento Costa

Mestrando do Programa de Mestrado Profissional de Ensino de Sociologia em Rede Nacional
(ProfSocio)

Instituição: Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA)

RESUMO

O presente artigo analisa o fenômeno do *bullying* no contexto escolar a partir de uma abordagem sociológica, discutindo seus impactos nas relações interpessoais entre alunos e no processo de ensino-aprendizagem. Fundamenta-se em autores como Myriam Abramovay, Juarez Dayrell, Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Maria da Glória Machado Paz e Cléo Fante. O estudo evidencia que o *bullying* não se restringe a atos individuais de agressão, mas constitui um fenômeno social complexo, relacionado às desigualdades, às dinâmicas de poder e à cultura escolar. Conclui-se que seus efeitos comprometem o desenvolvimento socioemocional dos estudantes, deterioram o ambiente escolar e impactam negativamente a aprendizagem.

Palavras-chave: *Bullying*. Sociologia da Educação. Relações Interpessoais. Ensino-Aprendizagem. Violência Escolar.

ABSTRACT

This article analyzes the phenomenon of bullying in the school context from a sociological perspective, discussing its impacts on interpersonal relationships among students and on the teaching-learning process. It is based on authors such as Myriam Abramovay, Juarez Dayrell, Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Maria da Glória Machado Paz, and Cléo Fante. The study shows that bullying is not limited to individual acts of aggression, but constitutes a complex social phenomenon related to inequalities, power dynamics, and school culture. It concludes that its effects compromise the socio-emotional development of students, deteriorate the school environment, and negatively impact learning.

Keywords: Bullying. Sociology of Education. Interpersonal Relationships. Teaching-Learning. School Violence.



RESUMEN

Este artículo analiza el fenómeno del acoso escolar desde una perspectiva sociológica, examinando sus impactos en las relaciones interpersonales entre el alumnado y en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Se basa en autores como Myriam Abramovay, Juárez Dayrell, Pierre Bourdieu, Émile Durkheim, Maria da Glória Machado Paz y Cléo Fante. El estudio demuestra que el acoso no se limita a actos individuales de agresión, sino que constituye un fenómeno social complejo relacionado con las desigualdades, las dinámicas de poder y la cultura escolar. Concluye que sus efectos comprometen el desarrollo socioemocional del alumnado, deterioran el ambiente escolar e impactan negativamente en el aprendizaje.

Palabras clave: Acoso Escolar. Sociología de la Educación. Relaciones Interpersonales. Enseñanza-Aprendizaje. Violencia Escolar.

1 INTRODUÇÃO

O ambiente escolar, tradicionalmente concebido como espaço de formação integral, também se apresenta como um campo de tensões, conflitos e desigualdades. Entre os fenômenos que emergem nesse contexto, o *bullying* tem ganhado destaque por sua recorrência e pelos danos que provoca nas relações interpessoais e no processo educativo.

Segundo Abramovay (2006), a violência nas escolas deve ser compreendida como reflexo das dinâmicas sociais mais amplas, sendo o *bullying* uma de suas expressões mais persistentes. Nesse sentido, o presente artigo busca analisar o fenômeno sob um viés sociológico, entendendo-o não apenas como comportamento individual, mas como produto de relações sociais.

O objetivo central deste artigo é discutir como o *bullying* impacta as relações entre alunos e interfere no processo de ensino-aprendizagem, articulando contribuições de diferentes teóricos da sociologia da educação.

2 O CONCEITO DE *BULLYING*: UMA ABORDAGEM SOCIOLÓGICA

O *bullying* caracteriza-se, de acordo com Cléo Fante (2005), por comportamentos agressivos, intencionais e repetitivos, praticados em um contexto de desequilíbrio de poder entre agressor e vítima. Essa definição, amplamente difundida, permite identificar elementos fundamentais do fenômeno, como a continuidade das agressões e a vulnerabilidade de quem as sofre. No entanto, limitar a compreensão do *bullying* a essa dimensão descritiva e psicológica é insuficiente para apreender sua complexidade, sobretudo quando se considera o ambiente escolar como espaço social atravessado por relações de poder, disputas simbólicas e desigualdades estruturais.

Sob uma perspectiva sociológica, o *bullying* precisa ser entendido como uma prática social que se insere em dinâmicas mais amplas de produção e reprodução de desigualdades. Nesse sentido, Myriam Abramovay (2006) argumenta que a violência escolar, incluindo o *bullying*, não pode ser dissociada do contexto social mais amplo, sendo expressão das tensões, conflitos e assimetrias presentes na sociedade. Assim, o *bullying* não emerge de forma isolada, mas reflete estruturas sociais que organizam relações de dominação e subordinação. Ele se manifesta como um mecanismo por meio do qual hierarquias sociais são reproduzidas no interior da escola, atingindo principalmente aqueles que ocupam posições mais vulneráveis.

Essa interpretação ganha ainda mais consistência à luz da teoria de Pierre Bourdieu, para quem a escola é um espaço privilegiado de reprodução simbólica. Segundo o autor, diferentes formas de capital — cultural, social e simbólico — são distribuídas de maneira desigual entre os indivíduos, influenciando suas posições no campo social. No ambiente escolar, essas desigualdades se traduzem em distinções entre os alunos, que passam a ser valorizados ou desvalorizados conforme sua proximidade com os padrões dominantes. Nesse contexto, o *bullying* pode ser interpretado como

manifestação da dominação simbólica, na medida em que determinados estudantes são inferiorizados, ridicularizados ou excluídos com base em características que refletem sua posição social. Como afirma Bourdieu (1989, p. 7), “A violência simbólica é uma violência suave, insensível e invisível às suas próprias vítimas.” Isso evidencia o caráter estrutural dessas práticas.

Além disso, o *bullying* pode ser compreendido como uma forma de violência simbólica, conceito central na obra de Bourdieu, que se refere a formas de dominação que se exercem de maneira sutil e muitas vezes invisível, sendo naturalizadas pelos próprios sujeitos envolvidos. No caso do *bullying*, isso se manifesta quando apelidos, piadas, exclusões e humilhações são vistos como “normais” ou “brincadeiras”, ocultando seu caráter violento. Essa naturalização contribui para a manutenção das hierarquias sociais e dificulta o reconhecimento e o enfrentamento do problema.

Por outro lado, a perspectiva de Émile Durkheim permite compreender o *bullying* como uma ruptura no processo de socialização. Para o autor, a escola desempenha um papel fundamental na formação moral dos indivíduos, sendo responsável por transmitir normas, valores e formas de convivência necessárias à vida em sociedade. Ao afirmar que “a educação tem por função suscitar e desenvolver estados físicos, intelectuais e morais exigidos pela sociedade” (DURKHEIM, 1978, p. 41), Durkheim destaca a importância da escola como instância reguladora do comportamento social.

Nesse sentido, quando práticas como o *bullying* se tornam recorrentes no ambiente escolar, pode-se inferir uma fragilidade nesse processo de socialização. A incapacidade da instituição de promover valores como respeito, solidariedade e cooperação abre espaço para comportamentos desviantes, que comprometem a convivência e a coesão social. O *bullying*, portanto, não é apenas um problema entre indivíduos, mas um indicativo de falhas nas estruturas sociais e educativas responsáveis pela formação dos sujeitos.

Dessa forma, compreender o *bullying* a partir dessas diferentes abordagens teóricas permite ampliar o olhar sobre o fenômeno, deslocando-o de uma análise centrada no indivíduo para uma perspectiva que considera as relações sociais, as estruturas de poder e os processos de socialização. Trata-se, portanto, de um fenômeno complexo, cuja compreensão exige a articulação entre dimensões psicológicas e sociológicas, possibilitando uma análise mais crítica e abrangente das suas causas e consequências.

3 A ESCOLA COMO ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO E CONFLITO

A escola, longe de se restringir a um espaço de transmissão de conteúdos formais, configura-se como um ambiente privilegiado de construção de identidades, valores e relações sociais. Nesse sentido, ela desempenha um papel central na formação dos sujeitos, não apenas do ponto de vista cognitivo, mas também no que diz respeito às dimensões sociais, culturais e afetivas. Para Dayrell (2007), a escola é vivida pelos jovens como um espaço de sociabilidade, no qual constroem relações,



identidades e também vivenciam conflitos. Essa perspectiva evidencia que o cotidiano escolar é marcado por interações complexas, nas quais os estudantes negociam pertencimentos, afirmam diferenças e elaboram suas experiências sociais.

Nesse cenário, o *bullying* emerge como uma prática que não pode ser compreendida de forma isolada ou desvinculada das dinâmicas sociais que atravessam o ambiente escolar. Ao contrário, ele se insere em um conjunto de relações de poder que organizam as interações entre os alunos. Determinados grupos, muitas vezes detentores de maior capital simbólico ou social, estabelecem padrões de comportamento, aparência e conduta que passam a ser valorizados e legitimados no espaço escolar. Aqueles que não se enquadram nesses padrões — seja por questões de classe social, gênero, aparência física, desempenho acadêmico ou outras características — tornam-se mais suscetíveis à exclusão e à violência.

Essa lógica evidencia que o *bullying* não é apenas um ato individual de agressão, mas um mecanismo social de regulação e controle, por meio do qual se reforçam hierarquias e se delimitam fronteiras simbólicas entre os sujeitos. Ao ridicularizar, excluir ou inferiorizar determinados alunos, os agressores não apenas exercem poder sobre as vítimas, mas também afirmam sua posição dentro do grupo, buscando reconhecimento e legitimidade entre seus pares. Dessa forma, o *bullying* pode ser interpretado como uma estratégia de afirmação social, profundamente vinculada às dinâmicas de pertencimento e exclusão presentes no ambiente escolar.

Essa análise é reforçada por Paz (2012), ao destacar que o *bullying* está associado a dinâmicas de exclusão que reforçam desigualdades e comprometem a convivência escolar. A autora destaca que essas práticas não apenas afetam diretamente as vítimas, mas também impactam o clima escolar como um todo, fragilizando os vínculos sociais e dificultando a construção de relações baseadas no respeito e na cooperação. Assim, o *bullying* contribui para a produção de um ambiente marcado por tensões, insegurança e desigualdade.

Dessa forma, a escola pode ser compreendida como um verdadeiro palco de disputas simbólicas, no qual diferentes atores sociais buscam afirmar suas identidades e posições. Nesse contexto, o *bullying* assume a função de mecanismo de diferenciação e hierarquização, operando como instrumento de exclusão e de reprodução de desigualdades. Compreender essa dimensão sociológica é fundamental para o enfrentamento do problema, pois permite deslocar o foco de uma análise individualizante para uma abordagem que considere as estruturas sociais e as relações de poder que sustentam essas práticas.

4 IMPACTOS DO BULLYING NAS RELAÇÕES INTERPESSOAIS

O *bullying* compromete profundamente as relações interpessoais no ambiente escolar, pois interfere diretamente na forma como os alunos convivem, constroem vínculos e percebem o outro. A



escola, que deveria ser um espaço de socialização, acolhimento e aprendizagem coletiva, passa a ser vivida por muitos estudantes como um ambiente de medo, tensão e insegurança. Quando as agressões se tornam frequentes, a convivência escolar deixa de ser marcada pela cooperação e pelo respeito, dando lugar a relações fragilizadas, baseadas na intimidação, na exclusão e na desconfiança.

Um dos primeiros efeitos do *bullying* nas relações interpessoais é o isolamento social da vítima. O aluno que sofre agressões constantes tende a se afastar dos colegas, evitando situações de exposição e interação para não se tornar novamente alvo de humilhações. Esse afastamento não ocorre apenas por escolha individual, mas como uma forma de autoproteção diante de um ambiente percebido como ameaçador. Com o tempo, a vítima pode desenvolver sentimentos de solidão, insegurança, vergonha e baixa autoestima, passando a acreditar que não pertence ao grupo escolar ou que há algo de errado consigo.

Esse isolamento também interfere na construção da identidade do estudante. Na infância e na adolescência, as relações com os pares são fundamentais para o desenvolvimento social e emocional. Quando essas relações são marcadas pela rejeição, pela ridicularização ou pela exclusão, o aluno pode apresentar dificuldades para estabelecer vínculos saudáveis, tanto dentro quanto fora da escola. Assim, o *bullying* não afeta apenas o momento imediato da agressão, mas pode produzir marcas duradouras na maneira como o sujeito se relaciona com os outros e consigo mesmo.

Outro impacto importante é a quebra da confiança no ambiente escolar. A escola deve ser percebida como um espaço seguro, no qual o estudante se sinta protegido para aprender, participar e conviver. No entanto, quando o *bullying* ocorre de forma recorrente e não há intervenção adequada, a vítima passa a enxergar esse espaço como hostil. A confiança nos colegas é abalada, mas também pode ser comprometida a confiança nos professores, na gestão escolar e nos adultos responsáveis pela mediação dos conflitos.

Essa perda de confiança dificulta a formação de vínculos positivos e compromete a convivência coletiva. O aluno vitimizado pode deixar de participar de atividades em grupo, evitar apresentações, recreios, trabalhos coletivos e outros momentos de interação. Além disso, os demais estudantes também são afetados, pois passam a conviver em um ambiente no qual o medo, o silêncio e a omissão podem se tornar práticas naturalizadas. Dessa forma, o *bullying* não atinge somente agressor e vítima, mas interfere em toda a dinâmica relacional da turma.

A reprodução da violência é outro aspecto preocupante. Segundo Abramovay (2006), a violência vivida na escola pode ser reproduzida pelos próprios alunos em diferentes contextos. Isso significa que práticas agressivas, quando naturalizadas no cotidiano escolar, tendem a se repetir e a se espalhar pelas relações sociais. Um aluno que presencia constantemente situações de humilhação pode compreender essas práticas como formas legítimas de afirmação, defesa ou conquista de status no grupo.

Nesse processo, a violência deixa de ser percebida como exceção e passa a integrar a cultura das relações escolares. Alguns estudantes podem reproduzir comportamentos agressivos para evitar se tornarem vítimas, para buscar aceitação em determinados grupos ou para afirmar uma posição de superioridade diante dos colegas. Assim, o *bullying* contribui para a formação de um ciclo de violência, no qual vítimas, agressores e espectadores são envolvidos em uma dinâmica social que reforça desigualdades, medos e hierarquias.

Portanto, os impactos do *bullying* nas relações interpessoais são amplos e profundos. Ele fragiliza os vínculos entre os estudantes, enfraquece a confiança no ambiente escolar, promove o isolamento das vítimas e favorece a reprodução de práticas violentas. Com isso, a escola deixa de cumprir plenamente sua função socializadora e educativa, tornando-se um espaço em que determinados alunos têm sua dignidade, sua autoestima e seu direito à convivência respeitosa comprometidos.

4.1 NATURALIZAÇÃO DA AGRESSÃO

A reflexão de Cléo Fante (2005) chama atenção para um dos aspectos mais preocupantes do *bullying* no contexto escolar: sua banalização. Ao ser frequentemente interpretado como “brincadeira”, “zoação” ou “coisa de aluno”, o *bullying* perde sua gravidade aos olhos de colegas, professores e, muitas vezes, da própria instituição escolar. Esse processo de naturalização contribui para que práticas de violência simbólica e psicológica sejam toleradas, invisibilizadas ou até mesmo incentivadas, dificultando seu reconhecimento como problema social relevante.

Essa banalização está diretamente relacionada à cultura escolar e às formas como as relações entre os estudantes são compreendidas. Em muitos casos, comportamentos agressivos são incorporados ao cotidiano como parte das interações juvenis, sendo tratados como rituais de socialização ou mecanismos de integração nos grupos. No entanto, essa interpretação ignora o fato de que o *bullying* envolve intencionalidade, repetição e desequilíbrio de poder, elementos que o diferenciam de interações lúdicas ou conflitos pontuais. Ao não reconhecer essa distinção, a escola corre o risco de legitimar práticas que produzem sofrimento e exclusão.

Além disso, quando o *bullying* é visto como brincadeira, as vítimas tendem a ser deslegitimadas em suas experiências. Muitas vezes, são orientadas a “não ligar”, “levar na esportiva” ou “revidar”, o que reforça sentimentos de impotência, isolamento e baixa autoestima. Esse cenário contribui para o silenciamento das vítimas, que deixam de denunciar as agressões por medo de não serem levadas a sério ou de sofrerem retaliações. Dessa forma, o ciclo de violência se perpetua, alimentado pela omissão e pela falta de intervenção adequada.

Outro ponto importante é que a banalização do *bullying* dificulta a atuação dos educadores. Quando práticas agressivas são naturalizadas, professores e gestores podem ter dificuldade em



identificá-las ou podem minimizar sua importância, tratando-as como conflitos comuns entre alunos. Isso compromete a construção de um ambiente escolar seguro e acolhedor, no qual as relações interpessoais sejam pautadas pelo respeito e pela empatia.

Portanto, conforme alerta Fante (2005), romper com a banalização do *bullying* é um passo fundamental para seu enfrentamento. Isso implica reconhecer a violência em suas formas sutis, promover a escuta ativa das vítimas e desenvolver práticas pedagógicas que problematizem essas relações, contribuindo para a construção de uma cultura escolar que não tolere a violência disfarçada de brincadeira.

5 IMPACTOS NO PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM

O *bullying* interfere diretamente no desempenho escolar e no processo de ensino-aprendizagem, pois afeta não apenas as condições objetivas de estudo, mas também os aspectos emocionais, sociais e psicológicos que sustentam a aprendizagem. A escola, enquanto espaço de construção de conhecimento, depende de um ambiente minimamente seguro e acolhedor para que os estudantes possam se concentrar, participar e desenvolver suas capacidades cognitivas. Quando esse ambiente é atravessado por práticas de violência, como o *bullying*, o processo educativo é comprometido em múltiplas dimensões.

Um dos impactos mais imediatos do *bullying* diz respeito ao prejuízo cognitivo. Situações constantes de humilhação, medo e insegurança geram elevados níveis de ansiedade, o que interfere diretamente na capacidade de concentração, atenção e memória dos estudantes. O aluno que se sente ameaçado passa a direcionar sua energia psíquica para lidar com o medo e a antecipação de novas agressões, em detrimento das atividades escolares. Nesse contexto, conteúdos que exigem foco, raciocínio e continuidade tornam-se mais difíceis de serem assimilados, comprometendo o rendimento acadêmico. Assim, o problema não reside na capacidade intelectual do estudante, mas nas condições adversas em que a aprendizagem ocorre.

Outro efeito significativo é a evasão escolar. Muitos alunos, ao se tornarem alvos recorrentes de *bullying*, passam a evitar o ambiente escolar como forma de autoproteção. Inicialmente, isso pode se manifestar por meio de faltas frequentes, atrasos ou pedidos constantes para sair da sala de aula. Em casos mais graves, pode culminar no abandono escolar. Esse processo evidencia que o *bullying* não apenas afeta o desempenho dentro da escola, mas também compromete o direito fundamental à educação, afastando o estudante de um espaço essencial para seu desenvolvimento pessoal e social.

A desmotivação em relação aos estudos também é uma consequência recorrente. Quando o ambiente escolar é percebido como hostil, o estudante deixa de associar a escola a um espaço de crescimento e aprendizado, passando a vê-la como um local de sofrimento. Essa mudança de percepção reduz o interesse pelas atividades escolares, enfraquece o engajamento e dificulta a construção de

sentido em relação ao estudo. Nesse aspecto, a contribuição de Dayrell (2007) é fundamental ao destacar que o sentido da escola para os jovens está diretamente relacionado às experiências vividas no cotidiano escolar. Dessa forma, quando essas experiências são marcadas por violência, exclusão e desrespeito, a aprendizagem perde significado e tende a ser rejeitada pelo estudante.

Além disso, o *bullying* impacta diretamente o trabalho docente. Professores inseridos em contextos onde a violência entre alunos é recorrente enfrentam maiores dificuldades para conduzir o processo de ensino de forma eficaz. O tempo que poderia ser destinado à aprendizagem muitas vezes é consumido pela necessidade de mediar conflitos, intervir em situações de agressão ou lidar com as consequências emocionais dessas práticas. Isso gera desgaste profissional e pode comprometer a qualidade das aulas, uma vez que o ambiente se torna instável e pouco propício à construção do conhecimento.

A presença do *bullying* em sala de aula também afeta os demais alunos, que, mesmo não sendo vítimas diretas, convivem com um clima de tensão e insegurança. Esse ambiente interfere na participação, na interação e na colaboração entre os estudantes, elementos essenciais para uma aprendizagem significativa. Assim, o impacto do *bullying* ultrapassa a esfera individual e se estende ao coletivo, comprometendo o funcionamento da sala de aula como espaço de troca e construção conjunta do saber.

Dessa forma, fica evidente que o *bullying* não é apenas um problema de convivência, mas uma questão que atinge diretamente o núcleo do processo educativo. Ao comprometer a concentração, provocar evasão, gerar desmotivação e dificultar o trabalho docente, ele fragiliza a função social da escola e limita as possibilidades de aprendizagem. Enfrentar esse fenômeno, portanto, é condição essencial para garantir um ambiente educacional mais justo, inclusivo e favorável ao desenvolvimento integral dos estudantes.

6 BULLYING, DESIGUALDADE SOCIAL E REPRODUÇÃO CULTURAL

A teoria de Pierre Bourdieu oferece uma importante contribuição para a compreensão do *bullying* como um fenômeno associado à reprodução das desigualdades sociais no interior da escola. Para o autor, o espaço escolar não é neutro, mas atravessado por relações de poder que tendem a privilegiar determinados grupos em detrimento de outros, especialmente a partir da distribuição desigual dos capitais — cultural, social e simbólico. Nesse sentido, alunos que não dominam os códigos valorizados pela instituição escolar, seja em termos de linguagem, comportamento ou repertório cultural, tornam-se mais vulneráveis a processos de estigmatização e exclusão.

Ao discutir o papel da escola na reprodução social, Bourdieu (1998) evidencia que as desigualdades são frequentemente legitimadas quando diferenças socialmente construídas passam a ser tratadas como naturais. Essa lógica contribui para que determinadas características dos estudantes

sejam transformadas em marcadores de inferiorização, abrindo espaço para práticas como o *bullying*. Dessa forma, o fenômeno pode atuar como um mecanismo de reforço das hierarquias sociais, manifestando-se por meio de agressões direcionadas a alunos que fogem dos padrões dominantes.

Nesse contexto, o *bullying* tende a incidir sobre aspectos como a classe social, a aparência física, o gênero e o desempenho escolar. Estudantes oriundos de classes populares, por exemplo, podem ser alvo de discriminação em função de sua condição socioeconômica ou de seu capital cultural. Da mesma forma, padrões estéticos e normas de gênero socialmente construídas operam como critérios de exclusão, atingindo aqueles que não se encaixam nos modelos considerados “aceitáveis”. Além disso, o desempenho acadêmico também pode funcionar como fator de estigmatização, seja pela ridicularização de alunos com dificuldades de aprendizagem, seja pela rejeição daqueles que se destacam intelectualmente.

Essa perspectiva é reforçada por Myriam Abramovay, ao destacar que a violência escolar, incluindo o *bullying*, não pode ser dissociada do contexto social mais amplo. Segundo a autora, as práticas de violência vivenciadas na escola refletem tensões, desigualdades e conflitos presentes na sociedade, sendo, portanto, expressão de um fenômeno estrutural e não apenas individual. Assim, compreender o *bullying* exige considerar as condições sociais que o produzem e o sustentam.

Diante desse cenário, o enfrentamento do *bullying* demanda uma abordagem integrada e multidimensional, que ultrapasse ações pontuais e envolva toda a comunidade escolar. No âmbito pedagógico, torna-se fundamental a implementação de práticas educativas voltadas à promoção da convivência, como projetos que incentivem o respeito às diferenças, a empatia e o diálogo. Atividades como rodas de conversa, debates e ações interdisciplinares podem contribuir para a construção de uma cultura escolar mais inclusiva e reflexiva.

Paralelamente, a formação docente assume papel central nesse processo. Os professores precisam estar preparados não apenas para identificar situações de *bullying*, mas também para intervir de maneira eficaz e sensível, compreendendo as dimensões sociais e emocionais envolvidas. Isso implica investir em formação continuada que aborde temas como mediação de conflitos, diversidade e relações interpessoais.

Outro aspecto essencial diz respeito à promoção de uma cultura de paz no ambiente escolar. Conforme destaca Cléo Fante (2005), é necessário fomentar valores como respeito, solidariedade e empatia, criando condições para que os estudantes desenvolvam competências socioemocionais que favoreçam relações mais saudáveis. Nesse sentido, a escola deve se constituir como espaço de acolhimento e valorização das diferenças.

Por fim, é imprescindível a participação ativa da comunidade escolar, especialmente das famílias, no enfrentamento do *bullying*. A articulação entre escola e família fortalece as ações educativas e amplia as possibilidades de intervenção, contribuindo para a construção de um ambiente



mais seguro e inclusivo. Assim, o combate ao *bullying* deve ser entendido como responsabilidade coletiva, que envolve diferentes atores sociais na promoção de uma educação mais justa e democrática.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *bullying* é um fenômeno complexo que ultrapassa a dimensão individual, constituindo-se como expressão das relações sociais, das desigualdades estruturais e das disputas de poder que atravessam o ambiente escolar. Longe de ser um comportamento isolado ou meramente pontual, ele se insere em um conjunto de práticas sociais que refletem hierarquias, exclusões e mecanismos de dominação presentes na sociedade. Nesse sentido, compreender o *bullying* implica reconhecer que ele é produzido e reproduzido no interior de relações sociais desiguais, nas quais determinados sujeitos são sistematicamente colocados em posições de vulnerabilidade.

A análise sociológica permite ampliar o olhar sobre o fenômeno, evidenciando que suas consequências não se restringem às vítimas diretas, mas atingem toda a dinâmica escolar. O clima institucional é afetado, as relações interpessoais tornam-se fragilizadas e o ambiente de aprendizagem passa a ser marcado por insegurança, medo e desconfiança. Além disso, o *bullying* compromete o processo de ensino-aprendizagem ao interferir na participação dos estudantes, na construção de vínculos e na própria função social da escola como espaço de formação integral. Assim, seus impactos são coletivos, afetando tanto alunos quanto professores e demais membros da comunidade escolar.

Dessa forma, o enfrentamento do *bullying* exige uma abordagem ampla, integrada e contínua, que ultrapasse intervenções pontuais e punitivas. Torna-se fundamental investir em práticas pedagógicas inclusivas, capazes de valorizar a diversidade, promover o diálogo e fortalecer a convivência respeitosa entre os estudantes. Paralelamente, a formação docente deve contemplar o desenvolvimento de competências para a mediação de conflitos e a construção de ambientes escolares mais acolhedores. Além disso, políticas educacionais comprometidas com a equidade e com a promoção de uma cultura de paz são essenciais para enfrentar as raízes estruturais do problema. Somente por meio de uma ação coletiva e articulada será possível construir uma escola mais justa, democrática e capaz de garantir o direito de todos a uma educação de qualidade.



REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Myriam; RUA, Maria das Graças. *Violências nas escolas*. Brasília: UNESCO, 2006.
- BOURDIEU, Pierre. *A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1998.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989.
- DAYRELL, Juarez. *A escola como espaço sociocultural*. Belo Horizonte: UFMG, 2007.
- DURKHEIM, Émile. *Educação e sociologia*. São Paulo: Melhoramentos, 1978.
- FANTE, Cléo. *Fenômeno bullying: como prevenir a violência nas escolas e educar para a paz*. Campinas: Verus, 2005.
- PAZ, Maria da Glória Machado. *Bullying escolar e suas implicações sociais*. São Paulo: Cortez, 2012.